

Moraesu Street é uma rua de Tokushima onde o escritor português Wenceslau de Moraes (1854-1929) passou os últimos dezasseis anos da sua vida. O Japão foi um lugar de fascínio e de refúgio para Moraes. Fascínio pela cultura, pelos costumes, pelas gentes; refúgio de um ocidente altamente industrializado, bélico, no qual não se revia. Mas, sem conseguir integrar-se também na fechada sociedade japonesa, Moraes viveu em Tokushima como quem vive fora do mundo. Viúvo nos seus últimos dez anos, dedicou o remanescente da sua vida ao culto das suas duas mulheres mortas, à contemplação da natureza e à escrita de textos que enviava para publicação em Portugal.

Hoje o seu túmulo e os das duas mulheres, Ó-Yoné e Ko-Haru, podem ser visitados num pequeno cemitério de Tokushima. Moraes viveu assombrado e passaria a assombrar os seus leitores. O diplomata Armando Martins Janeira e o cineasta Paulo Rocha viajaram ao Japão, nos anos 50 e 80, para seguir o rasto de Moraes. Deste périplo resultaram obras como o livro *Peregrino*, do primeiro, e o filme *A Ilha de Moraes*, do segundo.

*Moraesu St.* é uma resposta de José Bértolo à interpelação destes trânsitos espectrais. Este livro de fotografia nasce de uma visita ao Japão — Tokushima, mas também Kobe, Osaka, Kyoto ou Nara —, durante a qual o fotógrafo trilhou os mesmos caminhos de Moraes, Janeira e Rocha, produzindo uma reflexão sobre a fotografia enquanto “língua dos mortos”, como escreveu Moraes.